

ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO: A INDYGENA DO YPIRANGA

Jéssica Fraga da Costa

Doutoranda em Letras na UFRGS

Resumo: O presente trabalho destaca a vida e a obra da escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro, que usava o pseudônimo de Indygena do Ipiranga. O intuito é resgatar uma autora do século XIX que foi importante para a sua época, mas que foi apagada pela crítica e pela história da literatura. Serão abordados dois de seus textos, pois é o que se tem publicado: um poema intitulado “O Pranto do Poeta” e um romance, *D. Narcisa de Villar*.

Palavras-chave: Ana Castro; Indygena do Ipiranga; *D. Narcisa de Villar*; Escritoras brasileiras; Literatura brasileira.

Abstract: This work highlights the life and work of the Santa Catarina writer Ana Luísa de Azevedo Castro, who used the pseudonym Indygena do Ipiranga. The goal is to rescue a 19th century author who was important for her time, but who was erased by criticism and the history of literature. Two of her texts will be discussed: a poem entitled “O Pranto do Poeta” and the novel *D. Narcisa de Villar*.

Keywords: Ana Castro; Indygena do Ipiranga; *D. Narcisa de Villar*; Brazilian writers; Brazilian literature.

Ana Luísa de Azevedo Castro foi uma das primeiras mulheres a publicar um romance no Brasil, mas, sobre a sua vida, sabe-se muito pouco. O que não significa que este silêncio deva ser mantido, pelo contrário, deve ser rompido. Os escassos dados que existem referentes à escritora são divergentes, principalmente os relacionados à sua data de nascimento.

Em *Necrologia* (1872), Jerônimo Simões registra que Ana Castro nasceu em 1823, no município de São Francisco do Sul e que teve uma boa educação com aulas

particulares. Não há informações sobre a sua família ou sua infância. Mudou-se para o Rio de Janeiro, casou-se e abriu uma escola de instrução primária e humanidades voltada para meninas. De forma muito elogiosa, o crítico aponta que Ana foi uma defensora da educação feminina, não apenas nas suas práticas, como educadora e diretora escolar, mas também em seus escritos. Ana é descrita como inteligente, estudiosa e conhecedora de literatura. Ela foi membro da *Sociedade Ensaios Literários*, atuando como sócia em 1866, participava de reuniões e no dia vinte de janeiro, do mesmo ano, leu um discurso para os demais membros em que defendia o letramento feminino. Por fim, lastima que a escritora tenha falecido tão jovem, aos 46 anos, em 1869, e finaliza, afirmando que as famílias e educandas sentiam muito esta perda irreparável.

No site da *Biblioteca Digital da Literatura Catarinense*, há um verbete a respeito da escritora que confirma as datas e locais apontados por Simões (1872). Não há muitas informações sobre a vida da escritora, apenas diz que foi prosadora, professora, romancista e diretora escolar, que foi membro da *Sociedade Ensaios Literários* e que assinava seus textos sob o pseudônimo de Indígena do Ipiranga.

Zahidé Lupinacci Muzart, em *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, publicado em 1999 pela editora Mulheres, afirma que não se sabe muito sobre a vida de Ana Luíza e que para uma biografia segura seria necessária uma investigação apurada, no Rio de Janeiro, já que a escritora passou boa parte de sua vida naquela cidade. Zahidé cita os dados fornecidos por Galante de Souza e destaca que, mesmo aparecendo “1823” como o ano de nascimento de Castro, na *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (1990) e *Ensaístas Brasileiras* (1993), a data não está correta, uma vez que não confere com as informações trazidas por críticos da época em que a escritora publicou seus textos. A pesquisadora salienta que Ana Luísa se empenhou na educação de meninas e moças e dirigiu uma escola feminina com muito afinho.

No *Dicionário de Mulheres*, Hilda Agnes Flores reproduz dados trazidos por Muzart (1999) e acrescenta que Ana Luísa foi a primeira romancista brasileira, ao lado de Maria Firmina dos Reis, que publicou *Úrsula* no mesmo ano, em 1859.

O *Jornal do Commercio* noticiou no dia 26 de janeiro de 1869 a morte de Ana Luísa, apontando que era casada, paulista e que contava 42 anos, ou seja, registra

informações diferentes, tanto com relação à idade, quanto à naturalidade de Castro. Não há qualquer dado relacionado à profissão ou aos seus escritos.

Obras

Ana Luísa possui uma obra pequena em quantidade, mas muito expressiva em conteúdo. Como escreveu em jornais e apenas publicou em livro, *D. Narcisa de Villar*, seus textos ficaram espalhados. Para acessá-los, apenas através de consultas à *Hemeroteca Digital*, já que ainda não houve a iniciativa de publicar-se uma obra completa da escritora.

D. Narcisa de Villar, primeiro e único romance de Ana Castro, tal como outras obras do período, foi publicada, em 1858, sob a forma de folhetins, no periódico *A Marmota* e no ano seguinte, em livro, assinado como Indygena do Ypiranga. É curioso o fato de que, mesmo utilizando um pseudônimo para assinar seus textos, Ana Luísa tenha optado por um nome feminino e não masculino, como tantas outras mulheres no século XVIII e XIX fizeram; possivelmente, queria apenas esconder a verdadeira identidade, não o fato de ser mulher. Outra possibilidade para a escolha do pseudônimo seria dar maior veracidade a seu romance indianista, uma vez que optou por um nome que alude aos povos autóctones.

Além do romance, Ana Luísa escreveu ainda poemas, e estes também foram publicados no periódico *A Marmota*; infelizmente, seus versos não chegaram a ser reunidos em livros. Alguns textos críticos apontam que Ana Castro publicava poemas com certa recorrência no periódico *A Marmota*. Porém, mesmo com a busca página a página, foi encontrado apenas um longo poema “O Pranto do Poeta”. Este texto está às páginas do jornal no dia 7 de setembro de 1860 e assinado pelo pseudônimo já utilizado por Ana.

Formalmente, o poema é composto por quadras, com rimas cruzadas, ora pobres, ora ricas. Na parte inicial há a apresentação de um cenário povoado pelas belezas naturais. Os animais levam suas vidas em harmonia, cada um acompanhando o seu instinto e o seu rumo; uma águia se abriga em uma montanha, uma abelha fabrica o mel, as águas seguem o curso do rio.

A águia remontando às nuvens, fatigada
De seu longo voar,

No cume alcantilado do rochedo acha morada,
Onde vai repousar

Estas paisagens descritas lembram muito as belezas exploradas pelos poetas românticos brasileiros, principalmente os versos do consagrado Gonçalves Dias, que tanto exaltou as belezas naturais do Brasil. Opondo-se a essa harmonia de belezas, eis que há a figura do eu lírico, que nesta “triste viagem”, ou seja, em sua vida, encontra apenas tristezas, “pesares”. Este sujeito lírico sente-se solitário, abandonado por aqueles ao seu redor, mesmo diante de suas súplicas aos deuses, não tendo seus desejos atendidos e não encontrando felicidade de maneira alguma. Mesmo enquanto o eu poético chora, não há ninguém para o acalantar.

Nenhum, nenhum dos alegres convivas
Para mim se voltou;
No meu banco isolado, nem vistas fugitivas
Ninguém me outorgou.

Em vão aos deuses dirigi ardentes
Minhas preces sem fim;
Nenhum disse: ao Poeta temperemos docemente
A taça do festim.

Relembra sua infância e tem desta as poucas lembranças de um tempo bom que passou, pois perdeu aquela inocência, aquela paz. Na décima segunda estrofe, mesmo que anteriormente tenha falado em “deuses”, remetendo à mitologia pagã, refere-se ao Deus cristão, com letra maiúscula, ao tratar de um momento do entardecer. Neste belo ambiente, relacionado à imagem divina, eis que o eu lírico pensa no ser amado, no seu sorriso. Não sabe ao certo se sonha, ou se vê de fato o fruto de seu desejo. Até que de repente, encontra-se sozinho, acompanhado apenas de suas liras.

Além do romance e do poema, Ana ainda publicou um interessante “Discurso”, na *Revista Mensal da Agremiação*. Foi lido por ela, em 1866, na ocasião do aniversário da *Sociedade Ensaios Literários*. De forma crítica e até mesmo ousada, para a época e para o grupo ao qual direcionou suas palavras, a escritora demonstrou o que pensava sobre a educação feminina, defendendo-a. Como uma educadora que acreditava no potencial de suas alunas, ressaltou a necessidade de as mulheres não serem julgadas como menores. Partindo da ideia da igualdade de gêneros desde as

suas primeiras palavras, afirma que “no banquete das inteligências não há sexo.” (Castro, 1866, s. n.), pois, segundo ela, “a mulher pode também achar nele o seu lugar”. Ana sabe da posição tímida de muitas de suas contemporâneas e da importância do lugar que ocupa. Para tanto, aproveita esse momento de escuta para falar por aquelas que não podem.

Ao dirigir-se aos membros da sociedade, utiliza uma linguagem rebuscada e lhes atribui uma infinidade de elogios como “soldados de Minerva” ou ainda “dignos filhos de Palas”. Ela acentua a imponência e o valor da sociedade literária, colocando-a como provedora da manutenção das letras: “o entusiasmo com que se entrega hoje a mocidade ao culto das letras é obra vossa”. Como se estivesse preparando o terreno para suas ideias, Ana ressalta a importância de instruir as meninas e moças da sociedade e que se incentive nelas o gosto pela literatura ou, caso contrário, muito se estaria perdendo: “percorro a vista pelo jardim florido da mocidade de meu sexo e vejo, com dor, que a sua educação não completa ainda os meus desejos. Quantas inteligências, quantos talentos não se amesquinham na vida monótona que entre nós leva a família?”. Ela finaliza, pedindo que se crie um clube de leitura voltado para mulheres para que estas possam ler mais, escrever e compartilhar seus escritos, para que estas vozes possam ser ouvidas. De acordo com seus argumentos, com mães mais instruídas, os mais jovens poderiam também ser mais instruídos, o que seria benéfico para todos:

E estai certos de que, tendo mães ilustradas, tereis a mocidade preparada para todos os altos acontecimentos da vida, possuindo no vosso lar, não pedantes citando-vos a todos os momentos nomes pomposos de autores, porém companheira ilustrada que leva a consolação e a coragem ao esposo aflito e impressionado pelos desgostos.

Fica evidente a inteligente estratégia utilizada pela preceptora. Como conhecedora de seus contemporâneos, como uma mulher que sabe das limitações impostas pela sociedade em que está inserida, ela compreende que a melhor maneira de aproveitar o respeito que a Sociedade Literária tem por ela e de desfrutar de benefícios para “outras de seu sexo”, como ela mesma fala, é mostrando o quanto a educação feminina pode ser vantajosa não apenas às mulheres, mas principalmente, a todos que a rodeiam.

Fortuna crítica

Assim como há imprecisão nos dados biográficos de Ana Luísa, com sua obra não é diferente. Por vezes, o romance *D. Narcisa de Villar* é atribuído a outras escritoras. No *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, não há registros sobre Ana Luísa, mas há menção a *D. Narcisa de Villar*. Porém, o pesquisador atribuiu a autoria do livro a Ana Bárbara de Lóssio e Seilbitz¹, outra escritora que teria vivido no século XIX e que escrevia principalmente obras de cunho religioso. Além disso, ele afirma não ter muitas informações sobre a obra: “Sinto não poder dar notícias suas porque só a conheço pelo seu trabalho, que nunca vi. Legenda do tempo colonial pela independência do Ipiranga”. O estudioso não apenas desconhece a obra de Castro, como também confunde o título da obra com o pseudônimo usado pela escritora. Assim como o crítico, Inês Sabino (1899, p. 179) também confere a autoria de *D. Narcisa de Villar* a Ana Bárbara. Acrescenta ao verbete da escritora um trecho do prólogo do romance e em tom elogioso acrescenta o caráter “brasileiro” à obra. Nas mais recentes histórias da literatura brasileira não há qualquer referência ao romance de Ana Castro.

Coelho (2002) destaca que *D. Narcisa de Villar* foi bem aceito pelo público na época de sua publicação, mesmo assim, o romance ficou esquecido por muito tempo. A segunda edição da obra data de 1990, a pedido de Zahidé Lunacci, pela editora Semprelo. Como, na época, o Brasil passava por uma crise econômica, era importante economizar recursos financeiros, com isso, foi feita apenas uma tiragem de duzentos exemplares vendidos sob encomenda e todos adquiridos em um curto espaço de tempo, tamanho o interesse do público pelo livro. Em 1997, a editora Mulheres reeditou o romance e novamente o sucesso da narrativa se repetiu. No ano de 2001, Zahidé optou pela quarta edição da obra, devido aos pedidos.

É interessante observar o quanto a fortuna crítica do romance cresceu com a quarta edição feita pela editora Mulheres. Acham-se em um site de busca na internet, pelo menos cinco artigos publicados no ano de 2014 e um no ano de 2015 que abordam aspectos relevantes de *D. Narcisa de Villar*, todos eles em suas referências apontam a edição de 2001 da obra.

¹ No verbete dedicado a Ana Bárbara de Lóssio e Seilbitz, no *Dicionário de Mulheres* (2011, p. 678), também lhe é atribuída a autoria de *D. Narcisa de Villar*.

Em “O século XIX e a autoria feminina: (re)leitura de “*D. Narcisa de Villar*”, de Ana de Castro”, de Raul da Rocha Colaço e Renata Pimentel, discute-se a importância de repensar o cânone da literatura brasileira, principalmente no que diz respeito a obras escritas por mulheres. Os autores destacam a importância do romance, pois este prioriza o olhar feminino perante um momento fundamental da formação da identidade nacional.

No artigo “Sob o signo do gótico: o romance feminino no Brasil, século XIX”, de Zahidé Lupinacci Muzart, a pesquisadora compara *D. Narcisa de Villar* com a obra de escritoras consagradas da literatura mundial, tais como Charlotte Lennox, Francis Sheridan, Fanny Burney, Ann Radcliffe e Mary Wollstonecraft, para observar como tais autoras abordam os elementos fantásticos, o que, segundo a estudiosa, auxiliou estas mulheres a comporem suas obras em um cenário tão pouco inclusivo.

Em “O indianismo revisitado: a autoria feminina e a literatura brasileira do século XIX”, Anselmo Peres Alós compara *D. Narcisa de Villar* a *Gupeva*, de Maria Firmina dos Reis, e depois faz um contraponto com as obras indianistas de José de Alencar, destacando as similitudes e divergências dos romances de autoria feminina entre si e estes em comparação aos indianistas de autoria masculina.

Na comunicação “O que é ser mulher em uma obra de autoria feminina? Questionando valores masculinos e empoderamento feminino”, de Paulo José Valente Barata, há a discussão sobre representação dos papéis de identidade de gênero compostos pelos protagonistas da narrativa, Leonardo e Narcisa.

No ano de 2007, o romance de Ana Luísa foi uma das leituras recomendadas pelo vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina. Os estudantes foram desafiados a fazer a leitura e a responder questões envolvendo interpretação de texto e reconhecimento dos momentos importantes da narrativa. Além disso, o romance foi usado como exemplo na proposta de redação daquela prova vestibular, que versava sobre a miscigenação cultural do Brasil e exigia que os estudantes citassem as obras selecionadas em seus textos.

Ainda não há teses ou dissertações que se ocupem a discutir de forma mais extensa o romance de Castro, mas é possível rastrear alguns trabalhos que citam a narrativa, sublinhando a sua relevância, ou ainda, citando Ana Luísa como uma das primeiras romancistas brasileiras.

Malfadado destino, a história de *D. Narcisa de Villar*

Na parte inicial de *D. Narcisa de Villar*, intitulada “Ao público”, a autora aponta que suas palavras não pretendem vir a ser um prólogo, pois ela “embirra” (CASTRO, 1859, p. 21) com o gênero, e raras foram as vezes em que se deteve na sua leitura. Por outro lado, como Ana espera ter um público leitor, não pretende escapar da escrita do prólogo do seu romance, que já havia aparecido na versão em folhetins. Ela aproveita este espaço para pedir àqueles que a lerem que tenham generosidade para com os seus escritos, uma vez que, foram redigidos quando contava apenas dezesseis anos.

Porém, dando publicidade a um de meus escritos, vencendo, enfim a extrema timidez de o fazer conhecido do público, vou rogar a benevolência daqueles que me lerem como um discípulo que se quer instruir. Sem essa vaidade, tão mal cabida em algumas de meu sexo que, compondo alguma coisa, julgam-se poetisas consumadas, eu tanto mais ganharia com o juízo sensato de pessoas de critério, quanto o desprezo com que olhassem para as minhas pobres linhas semeia prejudicial (CASTRO, 1859, p. 21).

Essa é também uma estratégia retórica, pois pedir a clemência do público é uma prática dos autores da época. Segundo Muzart (1990, p. 69), o excesso de humildade era uma característica típica dos textos femininos do século XIX:

transparece o peso da "culpa" (?) e o medo de ser repudiada, ou de ser ignorada, compondo um estranho jogo. Decorrendo desses sentimentos escondidos, uma humildade ou modéstia meio forjadas e, muitas vezes, exageradíssimas. Desculpa-se pela “mediocridade da linguagem e a singeleza” das cenas compostas Embora as fórmulas de humildade sejam usadas desde a Antiguidade, nas mulheres são às vezes tão acentuadas, tão repetidas, que se torna evidente haver outra coisa atrás das palavras. (MUZART, 1990, p. 69).

Em seus estudos sobre os prefácios femininos, Zahidé afirma que as mulheres que escreviam sabiam do lugar à margem que ocupavam na sociedade, já que os espaços relacionados às letras sempre foram ocupados pelos homens. Aquelas que romperam esta barreira precisaram encontrar uma forma de apresentar seus textos sem que estes fossem imediatamente comparados àqueles feitos por homens de boa educação, o que, segundo a pesquisadora, não seria nada justo, visto que a educação feminina no século XIX era muito precária e acessível a muito poucas.

Ana Luísa, procurando defender-se de possíveis críticas, denuncia ao leitor aquelas mulheres que se atrevem a denominar-se “poetas”, o que para ela seria uma

atitude vaidosa, que despreza. Certamente, expressa o pensamento de seus contemporâneos que não aceitavam que as mulheres poderiam escrever. Pede ao leitor que acolha o seu livro, assim como acolheu os escritos de *Delphina*, de Madame de Staël, mesmo possuindo certos defeitos, assim como *Clara d'Alba* de Madame Cotin. Dessa forma, Ana Luísa demonstra ter conhecimento não apenas da obra de outras mulheres que escreveram antes dela, mas também da recepção dessas obras pelo público francês, elegendo modelos já consolidados de escritoras.

No “verdadeiro” prólogo do romance, a narradora explica que a história contada por ela é uma lenda que escutou quando ainda era criança, de uma indígena, Mãe Micaela. Destaca que, muito curiosa, desejava saber a história por trás da temida Ilha do Mel. A indígena desejava evitar a narrativa, mas, com a insistência e chantagem da criança, não teve escolha, senão contar-lhe a lenda de “D. Narcisa de Villar”. Muito emocionada com a trágica história da portuguesa, esta ouvinte atenta resolveu escrever, tempos depois, a narrativa, procurando ao máximo aproximar-se do discurso de Mãe Michaela, assim como o ouviu.

O enredo de *D. Narcisa de Villar* é tipicamente romântico aos moldes do século XIX: a protagonista da história, que possui o mesmo nome da narrativa, é uma portuguesa que veio para o Brasil quando era criança, depois da morte dos pais, com três irmãos. Narcisa foi criada por Efigênia, uma indígena muito bondosa que cuidou dela como se fosse sua filha. A garota cresceu ao lado do filho da sua protetora, Leonardo, que se tornou melhor amigo da órfã; os dois eram praticamente como irmãos. A infância de ambos foi regada a brincadeiras e a lições religiosas que a portuguesa tecia ao lado de seu companheiro.

Isso ocorre até que, de maneira brusca, os irmãos de D. Narcisa aparecem com a decisão de que ela se casaria com o coronel Pedro Paulo, um rico nobre português. Diante do fato, a paixão entre Narcisa e Leonardo, que já era esperada, desabrocha. Declaram um ao outro o amor que sentem e decidem que ficariam juntos, mesmo contra a vontade da família Villar. Desde o início da narrativa, há indícios de que os irmãos de Narcisa não eram pessoas de bom caráter, o que ao longo da história se confirma. Mesmo contra a vontade da irmã, os Villar planejaram casá-la com o coronel Pedro Paulo, para manter a fortuna da família.

Narcisa foge no dia da cerimônia de seu noivado em um barco, com seu amigo de infância. Depois de serem surpreendidos por uma forte tempestade, abrigam-se em uma gruta na Ilha do Mel, lugar onde são mortos pelos irmãos da protagonista. Tempos depois, os três irmãos acabam morrendo, cada um de uma maneira diferente e trágica, sendo punidos por suas maldades. Por fim, no epílogo é narrada a lenda de que era possível ver, na Ilha do Mel, duas pombas, Narcisa e Leonardo, sendo perseguidas por corvos, os irmãos Villar.

Personagens: mulheres e indígenas x o homem branco

O caráter indianista expresso no romance pode ser percebido através de vários aspectos: a narradora, o enredo e, principalmente, as personagens: “O herói é um índio; a ilha, palco da ação final, fora de terra indígena e é o lugar onde se unem as duas raças.” (MUZART, 1989, p. 232). Na história contada, fica nítida a diferença entre os “brancos” colonizadores de mau-caráter e os indígenas honrados e gentis, o que dialoga com outras narrativas do período que se propuseram a louvar o índio.

De acordo com Muzart (1999, p. 235), há nas personagens do romance a representação de duas mulheres que ganham destaque, Efigênia e Narcisa, ambas compostas por características repletas de qualidades “de caráter, de nobreza e de firmeza de personagens das tragédias”. Efigênia, a índia que criou Narcisa, é descrita de forma idealizada:

Ela era inteligente e afável, e amava extremosamente seu filho, e de tal modo se afeiçoou à menina, que não podia um momento afastar-se dela sem tristeza. Esquecida de seus parentes, expatriada, sem nenhuma outra sociedade que a dos seus criados, ela não pôde deixar de ser sensível aos cuidados extremos da índia, e o reconhecimento muito vivo que sentia por estes dois entes, que tanto por ela se interessavam, se foi transformando pouco a pouco em amizade, de sorte que D. Narcisa não podia já viver sem Efigênia e seu filho. (CASTRO, 1859, p. 30).

No trecho, a indígena é descrita como alguém de extrema bondade, que acolheu Narcisa, mesmo sendo pertencente à família colonizadora dos Villar. Para a protagonista, a acolhida de sua cuidadora e de Leonardo fora de tanta valia, que não podia se imaginar longe dos dois, posto que afirma que “já não podia viver sem Efigênia e seu filho”.

A protagonista da história é uma menina criada inicialmente por uma mãe descrita como “boa e generosa”, que ensinou a pequena a aceitar e a respeitar a todos os povos, portanto, Narcisa é justa e sabe lidar com as diferenças étnicas. Quando órfã, a personagem foi acolhida por Efigênia, que cuidou da portuguesa, como cuidava de seu filho, protegendo-a de todos os males. Ao molde dos romances românticos feito por homens, era descrita de forma extremamente idealizada, “a mulher ideal, o anjo de bondade” (MUZART, 1999, p. 253), sendo comparada com o divino e dotada dos mais puros e nobres sentimentos: “A moça tornou-se bela como uma divindade. Os seus modos eram tão benévolos, quando tratava com os pobres, sua caridade tão extensa, que ganhou no povo um amor universal.” (CASTRO, 1859, p. 15-16). Ao contrário de D. Martim, que, sendo governador da colônia, era muito conhecido e temido pelo povo, Narcisa despertava o respeito e os bons sentimentos das pessoas.

Na protagonista, “temos a heroína romântica pura, bela e virtuosa, porém com consciência de seu estado de submissão.” (MUZART, 1999, p. 253). É neste ponto que Castro se diferencia das narrativas produzidas por seus contemporâneos. A protagonista de Ana Luísa não apenas possuía uma infinidade de aspectos físicos e emocionais tidos como positivos para uma mulher do século XIX, ela também manifestou suas vontades, impôs-se quando julgou necessário e contrariou seus irmãos, dizendo-lhes não:

— Não, disse ela, como falando consigo, não me hei de casar-me com esse homem, porque não o posso enganar.
E, fixando-a, lhe tomou:
— E em que o enganaria, senhora?
— Porque impossível seria dizer-lhe que o amo.
— Ora, acrescentou o fidalgo encolhendo os ombros; trata-se porventura de amor em um casamento? ... (CASTRO, 1859, p. 71).

A personagem enfrenta a figura opressora representada por seu irmão mais velho, D. Martim, a quem ela deveria obediência, de acordo com a sociedade na qual estava inserida. Para os irmãos Villar, casar a irmã caçula seria um bom negócio para a família, pois seria a maneira de manter sua fortuna. Narcisa seria moeda de troca da ambição fraterna. De acordo com Mary Del Priori (2013, p. 75), essa prática era muito comum na colônia, “maridos eram escolhidos pelo pai, segundo critérios econômicos e sociais ou encomendados de Portugal”. No caso da donzela, como o pai já havia falecido, o irmão ocupou esta posição de poder perante a irmã. Porém, a moça

surpreende, demonstrando que não estava disposta a fazer o que estavam demandando. Ela sabia o que significava o casamento em sua vida e casar com um desconhecido não estava em seus planos: “— Senhor, não trate desse modo o destino da mulher; não queira roubar o único bem que esse ente sensível pôde achar no sacrifício da liberdade de sua vida inteira.” (CASTRO, 1859, p. 71). Nesta fala de Narcisa, fica clara a crítica ao casamento arranjado, prática muito comum à sociedade da época, que determinava o destino das mulheres, restringindo a sua liberdade.

Outra passagem do romance em que se faz presente a crítica ao casamento por interesse se dá no momento final do romance, quando Narcisa desabafa diante os irmãos, confessando amar Leonardo e assumindo o abandono fraterno, quando ela era apenas uma menina indefesa. Ela salienta a ambição dos irmãos que a viam apenas como um objeto a ser comercializado em troca de mais dinheiro:

lembrastes-vos de mim, quando por cálculos de vosso interesse me quisestes vender títulos, pompas e riquezas sem número, que vinham encher o vosso orgulho: o que sei eu? Completar vossos planos de ambição. Nem um momento, a felicidade do meu coração veio lembrar-vos que a mulher vendida no casamento, nem sempre acha ventura no ouro de seu preço. (CASTRO, 1859, p. 104).

Até mesmo as palavras utilizadas pela protagonista em seu desabafo relacionadas aos irmãos remetem ao valor financeiro: “cálculos”, “títulos”, “números”, “pompas”, “riquezas”. Narcisa acusa os Villar de “ambiciosos” e “egoístas”, pois em momento algum pensaram na felicidade dela, naquilo que seria melhor para a irmã. Eles se guiaram apenas movidos pela ganância, demonstrando a total falta de sentimentos por Narcisa. Segundo Muzart (1999, p. 253), estas críticas com relação ao casamento por interesse aparecem no romance de Ana Luísa através da personagem; além de muito lúcidas, são anteriores as dos grandes romances de José de Alencar, como *Senhora e Lucíola*, o que aponta ao pioneirismo de Ana Luísa.

A coragem da protagonista mostra-se não apenas ao desafiar os irmãos, mas também ao fugir com o amado. Na noite do casamento, ela pula a janela com Leonardo e, dentro de uma pequena embarcação, enfrenta ao lado do rapaz uma forte tempestade. Mesmo depois de serem encontrados pelos Villar na gruta da Ilha do Mel, Narcisa mantém a sua palavra e enfrenta, mais uma vez, os irmãos. Ela não aceita a ordem de D. Luís e novamente desabafa, mostrando a sua indignação diante a falsidade da família:

— Não, disse ela com sublime coragem, não vos seguirei.
— E porque não nos seguirá, senhora? disse desdenhoso o cavalheiro.
— Porque já não sou vossa irmã. Que quereis de mim? Deixai-me; para que esta insistência a respeito da minha pessoa? Desprezei-me quando acompanhei este jovem, acedendo em ser sua mulher; quebrei todos os laços que me ligavam a minha família. A fidalga fez-se plebeia, a nobre filha do poderoso Snr. de Villar perdeu seus foros e não é mais do que a humilde e pobre noiva de um homem obscuro. (CASTRO, 1859, p. 103-104).

Leonardo, o par romântico de Narcisa, também é descrito de forma positiva. A narradora ressalta as inúmeras qualidades do rapaz. Assim como a mãe da personagem, ele também possui uma imagem idealizada:

Sua doçura, humildade e obediência o tornavam tão digno aos olhos de sua ama, que cada dia ela se ocupava com mais ardor da tarefa de o educar. Quanto aos sentimentos que inspiravam ao menino as ações de sua senhora, chegavam à idolatria. Sentia ela tão vivamente os prazeres alheios, tendo sempre palavras de consolação que dar aos que sofriam, com uma expressão tão distinta, que ele reconhecia nela essa linguagem do céu que tinha aprendido no Evangelho. (CASTRO, 1859, p. 15).

É importante salientar que uma das maneiras escolhidas pela narradora para elogiar Leonardo é descrevê-lo como alguém obediente, que se submete à Narcisa e que a idolatra. Em nome do que sente pela moça, aprende com bom grado tudo que lhe é ensinado, mesmo que se trate de outra cultura e de outra religião. Além disso, no final do romance ainda há a revelação de que o filho de Efigênia também é filho de um dos irmãos de Narcisa, ou seja, eles eram tia e sobrinho. Leonardo, ao contrário de muitos personagens da literatura romanesca romântica, não é descrito como viril, guerreiro, forte. Ele se sobressai justamente por ser “doce” e “humilde”, o que geralmente é atribuído a personagens femininas.

Outro aspecto ressaltado na personagem é a coragem e a honestidade. Nas páginas finais do romance, quando os Villar e o coronel encontram Narcisa e Leonardo na gruta, o rapaz enfrenta seus superiores, afirmando ser o esposo da donzela, atitude que causa surpresa e até mesmo admiração por parte dos maldosos ouvintes:

Os irmãos de D. Narcisa estremeceram com esta declaração, e não puderam deixar de admirar a coragem desse jovem que assim afrontava destemidamente a sua cólera. Eles o encararam bem, pela primeira vez; a expressão desse nobre rosto de moço, que começava a tingir-se de um fino buço, os tocou; e por um instante a coragem e a beleza dominou o orgulho e o poder. (CASTRO, 1859, p. 97).

Mesmo com toda a crueldade, os irmãos de Narcisa, por um breve momento, acabaram sendo capturados pela convicção do jovem apaixonado. A grandiosidade da atitude de Leonardo paralisa os orgulhosos Villar. Apesar de em uma condição nada favorável, em momento algum Leonardo perde sua bravura: “Resoluto a defender a donzella de Villar, nem um instante o medo lhe aterrou o ânimo. [...] Seus olhos, de uma beleza sublime, tinham a expressão da coragem, que dá a mocidade em toda a sua força, e o amor puro e supremo.” (CASTRO, 1859, p. 99). E em nome do amor que sentia por Narcisa, Leonardo decidiu lutar, mesmo sozinho, contra os canalhas que se opunham à união do casal. O que se seguiu foi uma luta desleal, os irmãos de Narcisa e o coronel, contra Leonardo:

Então, começou na gruta o combate o mais desigual e bárbaro que se tem visto no mundo. Quatro espadas se cruzaram contra um jovem que apenas saía da adolescência, e o qual fazia prodígios de valor, defendendo-se corajoso e destro dos golpes de seus assassinos. (CASTRO, 1859, p. 106).

Ainda que carregando o brasão da fidalguia, os quatro enfrentaram, armados e de maneira violenta, alguém desarmado. Ignoraram as súplicas de Narcisa que enfatizou o quanto o combate era injusto e desleal, pois, depois de meia hora de muita bravura, Leonardo estava morto. Perdeu sua vida, mas não a sua honra, lutou e defendeu-se bravamente enquanto suas forças permitiram.

Fora Leonardo, que é indígena, todos os outros homens da narrativa são perversos e infames. Além disso, ocupam a posição do homem branco, do estrangeiro ambicioso e enganador. Os cruéis irmãos de Narcisa são caracterizados como “belos apenas na aparência”, mas de mau caráter, ligados apenas ao lucro e indiferentes às pessoas.

Os senhores de Villar tinham, é verdade, belo exterior, mas, também um não sei que de cruel sarcasmo em suas fisionomias, que desagradava, além disto sua conversação tratava somente de planos gigantescos, futuras riquezas, e engrandecimento pessoal. Nem uma palavra só de caridade, compaixão ou afeição que denunciasse outros sentimentos que não fossem a cobiça naquelas almas ambiciosas, ali era ouvida. (CASTRO, 1859, p. 18).

A imagem impiedosa e interesseira dos Villar é reforçada ao longo de todo o romance, pois, além das descrições físicas, suas atitudes diante das demais personagens denotam a maldade e a frieza destes homens. Na primeira página do romance, a narradora chama atenção para a figura do governador da colônia, D. Martim de Villar.

Através do relato de como o “homem grande” recebeu seu cargo, fica evidente o que esperar de seu caráter:

Como nem sempre a escolha de governadores das colônias brasileiras recaía em pessoas, cuja prudência e justiça guiassem um povo infante, que começava a abrir os olhos para a civilização, tendo as vistas ainda cheias das nevoas da idolatria e da ignorância; o gabinete português enviava a estes lugares homens a quem queria proteger, e de quem esperava grandes vantagens, pelo muito que arrecadassem. Estes governadores, usando quase sempre de um poder despótico, os únicos sentimentos que despertavam nesses espíritos tão impressionáveis que podiam fazer voltarem-se facilmente ao bom, eram os da aversão e vingança. (CASTRO, 1859, p. 11 e 12).

Ao migrarem para o Brasil, não tiveram qualquer preocupação com a irmã, mesmo que esta fosse uma criança e necessitasse de cuidados. Não fosse Efigênia, Narcisa teria ficado à mercê da própria sorte. Ao descrever D. Martim, a narradora aponta que ele era odiado por seus administrados, ainda que estes fossem pessoas de bom coração, devido à maldade exercida pelo colonizador. Além disso, ele explorava tudo o que podia de seus subordinados. Todos que o rodeavam sentiam por ele apenas medo e não respeito, como ele desejava. Ao invés de mostrar-se grato por Efigênia ter cuidado de Narcisa, como uma mãe, D. Martim a chamava de “rústica”, em um tom de arrogância, e ameaçou bater nela, quando não aceitou deixá-lo sozinho com Narcisa. Repreendeu a irmã, ao demonstrar carinho pela indígena, pois, segundo ele, deveria ser mais “austera com seus escravos” (CASTRO, 1859, p. 64), ignorando o fato de que Narcisa não considerava, como ele, que Efigênia fosse igual as demais pessoas escravizadas da colônia. Em uma tentativa forçada de agradar Narcisa, D. Martim classifica a indígena como uma “escrava prestimosa” (CASTRO, 1859, p. 66), pois, para ele, esse era o posto máximo que poderia ser obtido por uma autóctone diante um português.

Depois de levar a carta que falava sobre o casamento da protagonista com o coronel Pedro Paulo, Leonardo fora seriamente ferido por um dos Villar, para evitar que o rapaz contasse para alguém o que sabia. Ao final da narrativa, assassinam Leonardo de maneira cruel, mesmo que este fosse parte da família, já que era filho de D. Luís. Depois de salvo pelos Tupis, ele fora acolhido pelos autóctones, livrando-se da morte. A ingratidão e o egoísmo de Luís eram tantos, que ele seduziu Efigênia, filha do cacique, e a abandonou grávida, negando-a. Os Villar mantiveram-se cruéis e não

respeitaram nem mesmo a perda de Efigênia, que, depois de ver o filho ser assassinado pelo pai biológico, ainda foi acusada de ladra. Mandaram prendê-la como punição, chamando-a de “demônio”. O ponto alto da maldade e da crueldade dos irmãos foi, apesar das súplicas do padre, orgulharem-se por acabar com a vida da inocente Narcisa, em nome da honra da família Villar. Sufocaram-na com as próprias tranças, até que não mais respirasse, pois, de acordo com os algozes, esta era a forma cristã de punir a donzela pelos pecados cometidos.

A cor local e a nacionalidade brasileira

Em *D. Narcisa de Villar* há a valorização da cor local a partir do embelezamento das paisagens e da gente brasileira. São muitas as passagens do romance em que há a descrição de um cenário paradisíaco, repleto de belezas naturais. A exemplo disso, são as muitas adjetivações associadas ao arquipélago do qual faz parte a Ilha do Mel. Ele era “belo”, assim como a gruta em que foi proposto o piquenique para o coronel Pedro Paulo, descrita como “bela”, além de uma “maravilha de lugar”. Na sequência desta passagem que mostra as festividades em homenagem ao futuro marido de Narcisa, tudo é descrito com grande perfeição:

[...] haviam servido um rico copo d'agua; e os vinhos generosos..., o sabor delicado de doces de frutas do país, assim como a amenidade da tarde tão serena nesse dia, o suave cheiro de trepadeiras silvestres que embalsamavam a atmosfera dessa ilha encantadora, tudo isto fez desaparecer do espírito do militar a impressão desagradável que recebera ao chegar. (CASTRO, 1859, p. 21).

No trecho, fica clara a tentativa de mostrar, de forma elogiosa, as riquezas do Novo Mundo, “um rico copo de água” bebido tanto quanto o vinho e as “frutas de sabor doce e delicado” do Brasil. Além disso, todo o entorno representa um ambiente equilibrado e belo: a amenidade da tarde, o cheiro das flores e a atmosfera encantadora do lugar. A perfeição das comidas, das bebidas e a magnitude do local auxiliaram para que o coronel não apenas se sentisse melhor, como também esquecesse o susto dos maus agouros provenientes do canto dos meninos-pelados.

As personagens são descritas ou comparadas a elementos da natureza, mostrando que ambos pertencem a um todo e que este todo constitui o Brasil. Assim como nas narrativas consagradas do Indianismo brasileiro, a exemplo de *Iracema*, de

José de Alencar, a protagonista D. Narcisa de Villar em inúmeras passagens é comparada, alentada ou descrita como a paisagem local:

Seu pescoço alvo e longo como o da gaivota de nossas margens, era ornado de colares de diamantes, cujos laços lhe cobriam o alvo colo; seus cabelos pretos e lustrosos como as azas da jacutinga, eram suspensos no alto da fronte por flores de pedras de muito custo. Seu talhe fino e esbelto como o do beija-flor, era desenhado pelas longas e profundas pregas de seu vestido de cabaia azul com flores de prata; seus pés calçavam uns sapatinhos de cetim branco, de salto, que tornavam ainda mais majestoso o seu andar de rainha. Ah! que era a mais bela virgem de todo o bairro! (CASTRO, 1859, p. 16).

A idealização e a descrição da figura de Narcisa é feita através da associação entre as características da personagens e a natureza. E esta natureza referida é a brasileira, o que fica expresso pelo uso do pronome possessivo “nosso” na primeira linha do trecho. A protagonista possuía o pescoço “alvo e longo como o da gaivota de nossas margens”, o que contrasta com os “cabelos pretos e lustrosos como as asas da jacutinga” e sua forma física esbelta como a de um “beija flor”. Em outro momento da narrativa, quando a personagem desfrutava de um momento de felicidade, a narradora, depois de descrever minuciosamente a beleza da noite e do céu estrelado, aponta que os olhos de Narcisa brilhavam como as “estrelas do céu” (CASTRO, 1859, p. 84), entrelaçando as características da donzela ao cenário em que estava presente.

A natureza também se destaca nos momentos em que a portuguesa se sente aflita. Depois de um dia cheio de tormentos proporcionados pelos irmãos, Narcisa sente medo de seu futuro, o que lhe causa insônia. O único antídoto para a falta de sono, e para tranquilizar os pensamentos da personagem, é o perfume das flores que rodeavam sua casa. Apenas a atmosfera proporcionada pela mata fora capaz de acalmar tão agitada criatura:

Entretanto a frescura matutina, o cheiro agradável de tantas flores que a cercavam, trouxeram-lhe lenitivo, distraindo o seu espírito com o ar odorífero que lhe vinha dessa atmosfera embalsamada de tão suaves cheiros. (CASTRO, 1859, p. 25).

A relação de Narcisa com a natureza é tão forte, que a maneira que achava para esquecer dos problemas e desfrutar a companhia de Leonardo era passar o dia no bosque, pois, segundo ela, seria possível avivar seu espírito com o canto dos pássaros, respirando o ar puro e perfumado da natureza:

— Minha Efigênia, disse ela a índia, logo que a viu, vai chamar teu filho que lhe quero dar minhas ordens; passaremos hoje o dia nos bosques, respirando o aroma puro das silvas, e

ouvindo o melhor cântico das avezinhas que este grosso teto nos impede de ouvir; lá, o teu espírito se torna mais vivo, amas-me com mais ardor, diriges a teu filho carícias mais ternas! Oh! sim, lá tu és inspirada, és sublime. (CASTRO, 1859, p. 26).

É interessante observar que Narcisa é comparada a elementos da natureza brasileira mesmo que a sua origem seja portuguesa, como se a personagem, ao ser criada por indígenas brasileiros, acabasse se “abrasileirando”. Ao longo da narrativa, aparecem passagens em que a protagonista demonstra preferir o Brasil a Portugal. Quando D. Martim diz que desejava que a irmã retornasse a Lisboa, por pensar que a colônia não era um local apropriado para ela, Narcisa recusa:

—Senhora, começou ele: não deseja sair deste deserto onde a sua beleza se esconde como uma flor ignorada? não deseja voltar a nossa pátria, ver Lisboa, viver enfim em outra sociedade digna de a possuir? A moça tornou a si com estas palavras, que foram como um raio caído a seus pés! Elas lhe deram a conhecer o motivo da visita de seu irmão; e a nova roda de martírios em que caía, de repente deu-lhe coragem para responder.

—Acostumei-me de tal modo a estes sítios, senhor, que não tenho saudades de nossa pátria. E para que havia eu voltar para lá? Nossa mãe e nosso pai já lá não os encontraria, e os únicos parentes que me restam estão perto de mim. Que iria eu, pois, buscar a Lisboa? Ali seria mais um deserto para mim, do que este país. (CASTRO, 1859, p. 20).

Para a surpresa de D. Martim, ela afirma não sentir saudades de sua pátria; já estava acostumada com a colônia, sendo assim, seu desejo era permanecer no Brasil. Ela não possuía mais nenhum parente em Lisboa, seus pais estavam mortos e tanto os irmãos, quanto Efigênia e Leonardo viviam no Novo Mundo. Durante a festa que fora oferecida ao coronel Pedro Paulo, a protagonista sentira-se sozinha, não encontrou dentre os convidados, incluindo os irmãos, alguém com quem pudesse simpatizar. Nem com muito esforço reconheceu qualquer atitude positiva em algum dos portugueses presentes, conferiu apenas uma “fria civilidade” (CASTRO, 1859, p. 24), algo que não estava acostumada a presenciar entre os administrados de seus irmãos, que, segundo a narradora, gostavam da donzela e a admiravam verdadeiramente por sua bondade e gentileza.

Apesar da distância social existente entre a protagonista e seu amado, ela ignorava, em nome do sentimento, os obstáculos sociais que os separavam. Afirmou que abria mão das riquezas da família, e que havia escolhido Leonardo para ser o seu homem. Em meio aos portugueses que celebravam o noivado arranjado pelos Villar, Narcisa compara seu amigo de infância aos demais convidados e conclui que, mesmo em meio a tantos com título de nobreza, nenhum deles possuía a nobreza de

Leonardo, pois, em atitudes e civilidade, ele era muito superior a qualquer outro: “E quando comparava todos esses grandes senhores, que ela via diante de si enfatuados de sua nobreza e fortuna, aos seus amigos que só possuíam a nobreza que dá a virtude, o filho de Efigênia merecia ter nascido príncipe!” (CASTRO, 1859, p. 20). Narcisa mostra que a nobreza proveniente da virtude é muito mais valorosa que aquela advinda de um título que alguns receberam ao nascer ou por terem tido a sorte de ter uma família rica. Para a protagonista, nem o Coronel Pedro Paulo com suas inúmeras medalhas poderia ser comparado ao seu melhor amigo: “Comparando esse belo moço cheio de graças, de fraqueza e de coração puro, com o terrível coronel, que tinha a seu lado, sua alma fugia espavorida de seu peito e ia refugiar-se no seio de seu companheiro de infância.” (CASTRO, 1859, p. 22). Apenas com o pouco convívio com a figura opressora do coronel, a personagem já podia avaliá-lo como uma pessoa terrível.

Porém, aos olhos dos outros, a distância social que separava Narcisa e Leonardo era imensa. O primeiro a reparar esse abismo social fora o próprio jovem enamorado, que apenas se deu conta das diferenças entre os dois, ao ver a amada ser prometida a outro homem:

Porque causa estava o filho de Efigênia, triste e com ideias de morte?! Ah! é porque o moço amava a donzela de Villar, com toda a força de um coração ingênuo e pressentindo sua desgraça, que pela primeira vez conhecia, sentia a distância que o separava dessa rica e nobre herdeira, ele, pobre filho de uma administrada! (CASTRO, 1859, p. 21).

Mesmo amando a donzela, Leonardo sabia que seu título de nobreza e sua fortuna os impediriam de ficar juntos, afinal ele e sua mãe eram escravizados pelos Villar, o que fica claro quando ele se descreve como “um pobre filho de uma administrada”. Como já era de se esperar, os irmãos Villar também marcam as diferenças sociais entre sua irmã e Leonardo. Após Narcisa negar o pedido de D. Martim sobre o casamento com o coronel, o nobre logo desconfia que a jovem deveria estar apaixonada por outro homem. Todavia, esqueceu logo esta ideia, pois “a quem havia sua irmã inclinar-se naquele lugar em que ele não conhecia um homem seu igual?” (CASTRO, 1859, p. 58). Dessa forma, fica claro o posicionamento do Grande Homem: em um lugar onde apenas havia indígenas, não haveria alguém que pudesse interessar a sua irmã. Em nenhum momento ele desconfiou da proximidade de Leonardo e Narcisa. Tanto que o rapaz participou de momentos importantes das

festividades para formalizar o noivado da protagonista com o coronel, liderou a saída para o piquenique na gruta e ofereceu seu braço para auxiliar Narcisa durante o trajeto.

Tamanho susto e surpresa foi o momento em que Leonardo falou a D. Martim que ele era o esposo de Narcisa e que, portanto, ela não lhe deveria mais obediência. Durante algum tempo os presentes ficaram admirados com a coragem do rapaz, porém, logo após, veio a represália por parte dos colonizados, que fizeram questão de marcar o lugar que cada um deles ocupava:

— Quem te permitiu, insolente, assim te exprimires com teu senhor? Com que direito te dizes esposo desta senhora? Acaso esqueces a distância que vai de ti a ela? Não sabes, ignorante, que ela é a nobre filha de um fidalgo, cujos avós honram a história com sua nobreza e feitos d'armas, e tu és o semisselvagem que eu fiz educar cristãmente? Infame, terás bem depressa “o castigo da tua insolência! e, dizendo isto, aproximou-se da moça. (CASTRO, 1859, p. 98).

Em sua resposta à audácia de Leonardo, D. Martim fez questão não apenas de sublinhar o abismo social que o separava de sua irmã, mas também de insultá-lo, chamando-o de “insolente”, “ignorante” e de “semisselvagem”. Ele alega que é “seu senhor”, seu superior e ainda atribui a si a educação que o jovem recebeu, uma educação que ele denomina como cristã, sendo que quem alfabetizou Leonardo foi Narcisa, como contribuição aos cuidados de Efigênia. O Homem Grande afirma que sua irmã pertence a uma nobre família, uma família honrada com nobres feitos e, com isso, o autóctone não estaria a sua altura.

Além de Narcisa, duas outras personagens da narrativa são comparadas a elementos da natureza, os dois autóctones Leonardo e Efigênia. Esta é nomeada como “a filha dos bosques” (CASTRO, 1859, p. 55), o que demonstra a relação da indígena com a paisagem do Brasil. E nos momentos em que estava aflita, fora descrita como “uma silva abatida pelo vento”, o que remete a uma imagem de um bioma composto por uma vegetação densa, o que novamente está relacionado às matas brasileiras.

Leonardo, por sua vez, assim como Narcisa, ao ser descrito, também é comparado a um animal da fauna de seu país. A narradora, ao tratar da velocidade com que se mexia a personagem, afirma que ele era “tão ligeiro como o veado de nossas matas” (CASTRO, 1859, p. 55). Eis que mais uma vez aparece o pronome possessivo “nosso” para marcar que não se trata de qualquer animal, mas de uma espécie específica do Brasil.

A expressão da cor local associada às personagens aparece apenas com Narcisa, Efigênia e Leonardo. Os irmãos Villar em nenhum momento são aproximados a elementos da brasilidade, exceto ao final da narrativa, quando, depois de mortos, são representados pelos corvos, o que aponta a um outro tipo de simbologia, o que foge da ideia de idealização relacionada à portuguesa e aos autóctones. Provavelmente, tenha sido intencional que nesta narrativa indianista as personagens mais ligadas à cultura local pertençam a este grupo sublimado. Dessa maneira, não apenas os elementos da natureza brasileira são exaltados, mas também aqueles que amavam a sua terra, que se sentiam pertencentes, que valorizavam o que era local e se mostraram em harmonia nesse ambiente, como aconteceu com Narcisa, que, mesmo não sendo brasileira de origem, afeiçoou-se ao lugar e a sua gente. Mas também Leonardo e Efigênia, que nasceram e cresceram em terras tupiniquins, simbolizam o seu ascendente heroico, o indígena.

Paralelos com o cânone literário brasileiro: *O Guarani* e *Iracema*

Não há como falar em Indianismo brasileiro e não se referir à primeira geração romântica e principalmente, aos clássicos de José de Alencar, *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865). É possível traçar alguns pontos de contato entre os dois romances e a obra catarinense.

Leonardo, personagem de *D. Narcisa de Villar*, assim como Peri, de Alencar, passa pelo processo de aculturação; os dois são catequisados e adquirem hábitos europeus. As duas personagens representam a imagem do “bom selvagem”, são descritos como puros, nobres, obedientes e gentis.

Apaixonam-se por mulheres portuguesas, por quem enfrentam perigos, mesmo que isso signifique perder a vida, em nome desse amor. Após salvar sua amada da morte, Peri a compara com a imagem de Nossa Senhora: “Na casa da cruz, no meio do fogo, Peri tinha visto a senhora dos brancos, era branca como a lua; era bela como a garça do rio. Tinha a cor do céu nos olhos; a cor do sol nos cabelos; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrelas e uma pluma de luz”. (ALENCAR, 1999, p. 96). Já Leonardo via Narcisa, como o Deus cristão:

Quanto aos sentimentos que inspiravam ao menino as ações de sua senhora, chegavam à idolatria. Sentia ela tão vivamente os prazeres alheios, tendo sempre palavras de consolação que

dar aos que sofriam, com uma expressão tão distinta, que ele reconhecia nela essa linguagem do céu que tinha aprendido no Evangelho. Ela era para ele aquele Deus, em quem lhe ensinava a crer. (CASTRO, 1859, p. 13).

A amada para o indígena era composta de tanta bondade e perfeição, que estava ligada àquele Deus que por anos ela o ensinou a amar e a acreditar. Tanto Peri, quanto Leonardo demonstravam amar suas senhoras de uma forma religiosa, idealizada. O primeiro nutre um afeto diante de alguém inatingível, ele não demonstra esperar qualquer tipo de retorno de Ceci. Tanto que, em nenhum momento ao longo da narrativa, eles possuem qualquer tipo de contato mais próximo. Mesmo que seja possível inferir que a portuguesa corresponderia àquele sentimento, não há na materialidade do texto nada que afirme tal hipótese.

Em *D. Narcisa de Villar*, mesmo que Leonardo divinize sua amada, esse amor é verbalizado de ambas as partes. Aquilo que não aparece em Alencar, aparece em Castro: em *O Guarani*, o sentimento acontece apenas por parte do indígena, com relação à portuguesa, mas em *D. Narcisa de Villar* o sentimento é recíproco. Leonardo e Narcisa declaram-se um ao outro:

—Pois bem, Leonardo, a filha do nobre Snr. De Villar, a irmã do poderoso D. Martim, desprezaria todas as riquezas do mundo, todo o fausto e grandeza de pomposos títulos, se em troco lhe fosse permitido gozar ignorada da única sociedade que convém ao seu coração. E, se lhe fosse também permitido a escolha de um esposo, ela diria preferindo— tu a todos os homens:—eis aqui aquele que eu escolho para companheiro da minha vida! (CASTRO, 1859, p. 55).

Mesmo que não seja de se esperar que a donzela tome a iniciativa e se declare o seu amor, Narcisa o faz. Ela abre o seu coração a Leonardo e afirma que renunciaria a tudo para poder ser sua esposa, pois, para ela, o rapaz e Efigênia eram as bases constitutivas de seu mundo. O cuidado e o carinho, que sempre tiveram com ela, valiam muito mais do que toda a fortuna dos Villar. Na continuidade da declaração, Narcisa diz com todas as letras o que sente por seu amigo de infância: “-Sim, eu te amo, Leonardo.” (CASTRO, 1859, p. 43). Mesmo com a fragilidade de sua aparência e com a pureza descrita na personagem, ela mostra-se corajosa e, para os parâmetros da época, audaciosa, pois fala sobre os seus sentimentos ao homem que ama, antes mesmo que ele o faça.

O romance *Iracema* também dialoga muito com *D. Narcisa de Villar*, uma vez que apresenta o enlace amoroso entre uma mulher pertencente aos povos originários

brasileiros e um invasor português. Tanto a personagem Leonardo, quanto Moacir são fruto da relação entre um estrangeiro e uma autóctone. Iracema e Efigênia precisaram lidar com o abandono, engravidaram e sozinhas deram à luz os seus filhos; a primeira falece no parto e compreende-se que Moacir será criado pelo pai europeu; a segunda criara sozinha o filho, que depois acabaria sendo morto pelo próprio pai.

Sabe-se que com a chegada no Brasil muitos viajantes abusaram, estupraram as mulheres indígenas, além de terem escravizado estes povos, o que vai ao encontro da narrativa de Ana Luísa e se afasta do enredo alencariano, já que este ameniza a questão, uma vez que é Iracema quem toma a iniciativa de procurar Martim em sua rede, ou seja, é a indígena que o seduziu, ao se sentir atraída pelo português. Nas páginas finais do romance catarinense, Efigênia revela que D. Luís não apenas foi salvo por sua tribo, como seduziu a filha do cacique (ela, no caso), jurou-lhe amor eterno, deu-lhe uma joia de família e depois recusou-a, além de tê-la acusado de roubo. Efigênia representa mais um corpo que foi colonizado pelo homem branco e depois descartado.

Outro aspecto relevante é que Leonardo, mesmo convivendo com Narcisa e aprendendo sobre a “cultura branca”, nunca deixou de estar em contato com a sua cultura, fora criado pela mãe e aprendeu os costumes de seu povo. Além de se dirigir aos demais indígenas como “irmãos de escavidão”, ele sabe que, mesmo usando roupas europeias, não é europeu e se coloca em igualdade com seus companheiros. Moacir, pelo final da narrativa, teve sua paternidade reconhecida, mas iria ser educado apenas por Martim, dentro dos hábitos europeus, abandonando suas raízes brasileiras. Leonardo não teve a oportunidade de manter suas raízes brasileiras ao lado de Narcisa; em nome da honra portuguesa, foi assassinado por aqueles que não apenas escravizaram seu povo e abusaram de sua mãe, também quiseram tomar o único bem que possuía, a vida.

O subtítulo de *D. Narcisa de Villar* apresenta uma chave de leitura para a obra, “Legenda do tempo colonial”, o que converge mais uma vez com o romance de Alencar. De acordo com Muzart (1999, p. 254) o aspecto lendário da narrativa de Castro tem relação direta com o aspecto feminino, pois à mulher cabia a ocupação de guardar na memória, “porque é a remota guardiã dos mitos, lendas e histórias, transmitindo-as aos descendentes”. A história do romance se desenrola marcada por uma voz feminina que conheceu a lenda através de duas mulheres mais velhas, que

guardaram o segredo do que havia acontecido na lendária ilha. Mãe Micaela expressa a sabedoria daqueles que possuem mais experiência, portanto, que acumularam histórias, uma tradição oral, passada de geração a geração; sendo assim ela conta a história e compartilha o seu saber com aquela que é mais jovem.

Para Muzart (1999, p. 245), o mais importante, neste romance é a voz feminina da narradora “que a tudo domina”. (MUZART, 1999.p. 256). Mesmo que a narradora pertença a uma classe social diferente daquelas que reproduziram a história, ela faz questão de manter ao máximo as peculiaridades da lenda, como a escutou, desculpando-se com o leitor por ter de utilizar a sua língua, no caso a língua portuguesa para retratar a história de Narcisa. Mesmo assim, promete conservar certos termos usados por Mãe Micaela.

O romance *Iracema* pretende contar a partir de seu enredo, de uma forma poética, uma lenda sobre as origens do Ceará. A protagonista representa o símbolo da terra natal do romancista, enquanto Moacir, o fruto da união do colonizador e da indígena, seria o primeiro cearense. Em *D. Narcisa de Villar*, o filho da colonização configura-se em Leonardo e este, por ser alguém que ficou entre as duas culturas, portuguesa e brasileira, e se atreveu a amar aquela a quem não devia, pagou um alto preço. Ele não possuía espaço na tribo em que nascera sua mãe, pois era o fruto da relação proibida entre a filha do cacique e de D. Luís. Nem mesmo Efigênia possuía este lugar. Ao engravidar, tratou de fugir, pois, com a traição de seu povo, não seria permitido que vivesse, muito menos a criança que carregava no ventre. O apaixonado indígena, mesmo tendo sido caracterizado durante a obra como “dócil e gentil”, não se rendeu aos colonizadores. Enfrentou, em nome do sentimento que tinha por sua amiga de infância, os temidos irmãos Villar, que governavam a colônia, portanto, aqueles que eram seus superiores.

Cabe salientar ainda que ambas as histórias tratam de episódios ocorridos durante o tempo em que o Brasil era colônia portuguesa, portanto, já é de se esperar que a relação entre as personagens portuguesas e indígenas seja conflituosa: “A narrativa de Castro visa recriar o mito da Ilha do Mel que fora, na origem, habitada por indígenas” (MUZART, 1999, p. 256). Esta ilha é o local do mito, e a narrativa sobre ela, sagrada. Mas lá também é um local de sacrifício, local em que a pura Narcisa

foi executada, local em que os amantes foram, na vida terrena, separados pela ganância e valores patriarcais.

Em *Iracema*, a protagonista não tem seu final feliz; mesmo que o fim do romance tenha um tom esperançoso, a “virgem dos lábios de mel” morre, pois, assim como Leonardo, não possuía uma possibilidade diferente. Seria possível Martim levá-la para Portugal, como aparentou fazer com o filho? Possivelmente isso não seria aceito pela sua sociedade. Martim abriria mão de sua vida em Portugal para ficar ao lado de Iracema, se ela ainda vivesse? Pelo abandono em que se encontrou a indígena nos desenlaces finais do romance, possivelmente a resposta seria outra vez, negativa.

Final esperançoso também há no romance catarinense. Efigênia depois de perder tudo, sua tribo, sua cultura, seu filho, encontrou acolhimento em um navegante que surge trazido pelo mar, o capitão da galera de D. João I, um branco, não fidalgo, que desejava se estabelecer no Novo Mundo. O noivo, perdido nas águas do oceano, prometeu casar-se com a primeira mulher que encontrasse, avistou no alto da gruta, na Ilha do Mel, Efigênia que, solitária, vigiava os túmulos de seu filho e de Narcisa. Ela se casou com o europeu e juntos constituíram “a ilustre família dos F... da Província de S. Paulo”. (CASTRO, 1859, p. 116). Novamente a questão da miscigenação do povo brasileiro aparece, mas, dessa vez, esses descendentes da união entre a autóctone e o europeu permanecem no Brasil, constituindo uma família prestigiada.

Observações finais sobre Ana Castro

Ana Luísa de Azevedo Castro contribuiu com as letras brasileiras, pois escreveu uma narrativa em que há o olhar feminino diante das tendências de escrita de sua época. Dialogou literariamente com seus contemporâneos, demonstrando conhecer o que era produzido, não apenas por escritores brasileiros, mas também estrangeiros, tanto homens, quanto mulheres.

Seguiu as ideias de idealização e de aculturação dos autóctones, mas também criou uma narrativa em que a protagonista, tendo sido acolhida e educada pelos brasileiros, pode compreender, respeitar e amar Leonardo, colocando-se contra sua família e dando sua vida em nome de seu amor, o que não ocorre nas narrativas

escritas por homens do período, como em *O Guarani*, em que apenas Peri demonstra total devoção a Ceci, mas não possui qualquer retorno por parte da portuguesa.

Em *D. Narcisa de Villar* é explorada a questão da cor local, exalta-se a natureza e as belezas brasileiras, com descrições paradisíacas. As personagens principais são caracterizadas e comparadas com elementos locais. Até Narcisa, mesmo sendo de origem europeia, é associada ao Brasil, pois adotou a pátria para si, acostumou-se e afeiçoou-se às terras brasileiras de tal forma, que não sente saudades nem vontade de voltar a Lisboa.

O pioneirismo de Ana Luísa também se reforça no fato da autora ter criado personagens femininas que, mesmo inseridas em um contexto nada favorável, tentaram buscar seus caminhos e enfrentaram a supremacia masculina. A romancista representou em sua obra não apenas a mulher branca europeia, mas também a indígena, colocando a ambas como figuras importantes, de acordo com o contexto nas quais estavam inseridas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Ática, 1999.

ANA LUÍSA DE AZEVEDO CASTRO. In.: *Portal Catarina: Biblioteca Digital da Literatura Catarinense*. Disponível em: <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/autores/?id=8919>> Acesso em: 12 jun. 2020. Não paginado.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1883. v. 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar: legenda do tempo colonial, pela Indygena do Ypiranga*. Rio de Janeiro: Typ. de F. de Paula Brito, 1859.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

DEL PRIORI, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN Ed. Universitária, 1995.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2. ed. Florianópolis: Mulheres, 2011.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977. 7 v.

MUZART, Zahidé L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 1999.

MUZART, Zahidé L. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. *Travessia*, Florianópolis, n.21, p. 64-70, 1990. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17202/15776>. Acesso em: 12 jun. 2020.

MUZART, Zahidé L. A questão do cânone. *Anuário de Literatura* 3, Florianópolis, n. 1, p. 85-94. jun.-dez.1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5277/4657>. Acesso em: 02 dez. 2020.

SABINO, D. Ignez. *Mulheres illustres do Brazil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. v. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.

TELLES, Norma. *Encantações*. São Paulo: PUCSP, 1987.

TELLES, Norma. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; UNESP, 2017.

Jéssica Fraga da Costa é doutoranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possui mestrado em Estudos de Literatura pela mesma universidade e graduação em Letras - Português e Literaturas também na UFRGS. Atualmente é professora de Língua Portuguesa e Literatura na Escola Leonardo Da Vinci Beta. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira.